

A Espiral da Morte da Liberdade de Opinião na Educação Superior – o Caso dos EUA

Roberto Lobo

5 de novembro de 2021

Resumo adaptado de matéria da revista Newsweek de 27/10/2021 da autoria de *Nathan Harden* – alguma semelhança com o Brasil?

A missão de cada faculdade e universidade é fornecer um fórum para a livre troca de pensamento, debate vigoroso e a mais ampla gama possível de ideias. Pelo menos, isso é o que deveria ser. Mas essa missão está em desacordo com o espírito da nossa era atual, definido por grupos de discussão radicais na sala de bate-papo, humilhações públicas pela internet, mídia de notícias de viés partidário, valorização da postura corporativa e policiamento puritano da linguagem.

Neste ambiente, às vezes parece que a coisa mais segura a fazer é ficar em silêncio. E essa parece ser a abordagem que mais estudantes estão tomando hoje em dia. Uma nova pesquisa maciça com 37.000 estudantes universitários revela que mais de 80% deles se autocensuram em sala de aula, no campus e online.

Perguntamos aos alunos o quão abertos eles estavam a ter conversas difíceis sobre questões como aborto e ação afirmativa, e quão dispostos eles estariam a permitir palestrantes convidados controversos, liberais ou conservadores, no campus. Também pedimos aos alunos que nos dissessem se achavam que os administradores da faculdade apoiariam a liberdade de expressão se alguém dissesse algo ofensivo.

A revelação mais preocupante da pesquisa é o quão confortáveis os alunos estão com a adoção de condutas disruptivas para esmagar o discurso que não gostam. Quase um em cada quatro estudantes dizem que é aceitável usar a violência para parar o discurso indesejado. Em algumas universidades de elite, esse número é tão alto quanto um em cada três.

Não só os alunos não se sentem confortáveis em falar sozinhos, como também não são muito tolerantes com o discurso dos outros.

Não é coincidência que em uma época em que às vezes ouvimos que "palavras são violência", os jovens agora acham que a violência física real é uma resposta apropriada às palavras ofensivas. A grande ironia da nossa era é que a hipersensibilidade pessoal tende a nos dessensibilizar para o sofrimento dos outros. Fale corretamente comigo, *senão*.

Já foi dito que há uma forte conexão entre a ascensão das mídias sociais e o declínio da liberdade de expressão e que as mídias sociais tiraram ideias obscuras do campus e as aperfeiçoaram como armas para impor a conformidade ideológica. Todos reconhecem como é difícil ter desentendimentos construtivos com amigos e familiares, muito menos com estranhos, no Facebook ou no Twitter. As pessoas são rápidas em dizer coisas online que nunca diriam na cara de alguém.

Estamos perdendo a força humanizadora da comunidade. A internet nos conectou como nunca antes, ao mesmo tempo em que despedaça nosso tecido social — essa pode ser a outra grande ironia de nosso tempo.

Dada a tendência da internet de engrossar nosso discurso e ampliar nossas diferenças, não é surpresa que os alunos achem mais difícil falar livremente online também. Quarenta e dois por cento dos estudantes disseram que trocar ideias online era mais difícil do que fazê-lo pessoalmente.

Em resposta à pandemia COVID-19, a maioria das faculdades mudou para o ensino online no ano passado. A sala de aula ficou virtual. Muitas vezes essas aulas online foram gravadas, produzindo pelo menos a ameaça implícita de evidências de vídeo para quaisquer possíveis crimes de fala, e aumentando a sensação de que o que você diz pode e será usado contra você no tribunal da opinião pública.

Se a liberdade de expressão é uma mercadoria mais rara online do que em um campus físico, este fato ilustra que controvérsias acadêmicas que muitas vezes ouvimos falar não são exclusivas de seus campi. Pelo contrário, pode ser que os campi universitários simplesmente representem a ponta da espada que está cortando nossa sociedade em pedaços por facções ideológicas atomizadas.

Embora não haja como voltar atrás quando se trata da força diversionista da tecnologia em nossas vidas diárias, as instituições de ensino superior têm o poder de se posicionar contra essa divisão. Se eles o tornam uma prioridade, os líderes universitários podem promover ambientes do campus que incentivem o debate saudável e os alunos a falarem e ouvirem uns aos outros. Sabemos que esse é o caso porque nosso estudo revelou diferenças significativas nas atitudes dos alunos em relação à liberdade de expressão de um campus para outro.

Algumas faculdades estão fazendo um ótimo trabalho para neutralizar o espírito agressivo de nossa era. Seus líderes estão ativamente defendendo a liberdade de expressão, mesmo quando é impopular. Desta forma, eles estão servindo bem seus alunos. Eles estão se apegando à nobre missão de ensino superior e, quem sabe, talvez restaurando o livre debate e o respeito ao contraditório na sociedade.